

DISCUSSÕES EPISTEMOLÓGICAS ACERCA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

EPISTEMOLOGICAL DISCUSSIONS ABOUT LIBERATION THEOLOGY

*José Heitor Vasconcelos de Menezes**

Resumo: Estas reflexões têm por objetivo principal evidenciar as discussões epistemológicas no que tange o lugar do pobre na Teologia da Libertação. O estudo consta de dois capítulos: no primeiro momento, elencamos o exame de Clodovis Boff no artigo Teologia da Libertação: volta ao fundamento e suas reverberações entre os teólogos da libertação. Já no segundo capítulo, elucidamos as considerações em que o Frei Servita replica seus críticos.

Palavras-chave: Pobre. Teologia da Libertação. Epistemologia. Fundamento

Abstract: These reflections have the main objective of highlighting the epistemological discussions regarding the place of the poor in Liberation theology. The study consists of two chapters: in the first moment, we list the examination by Clodovis Boff in the paper Liberation Theology: back to the foundation and their reverberations among liberation theologians. In the second chapter, we elucidate the considerations in which Servite Friar replicates his critics.

Keywords: Poor. Liberation Theology. Epistemology. The basis.

Introdução

É visível que no âmago da discussão acerca do fundamento da Teologia da Libertação (= TdL), há um interesse epistemológico decente e compromissado de preservar e/ou resgatar os seus potenciais. A controvérsia originada pela teologia latino-americana se elucida por sua radicalidade de opção em favor dos pobres. A estreiteza da opção é reputada por alguns teólogos -especialmente por Clodovis Boff- como uma espécie de redução ideológica da prática libertadora. Em tese, desde os seus primórdios, a TdL se aponta através da luta contra a pobreza e libertação dos que estão imersos nesta condição existencial visto que “o pobre tem força histórica para mudar o sistema de dominação por um outro mais igualitário”¹.

O teólogo Clodovis Boff é autoridade quando o tema é TdL e, sobretudo, quando discorre sobre o princípio que a fundamenta. Sem embargo, ao longo do tempo, percebeu uma ambiguidade epistemológica neste modo de fazer teologia. Esta imprecisão incorreu, no cerne da reflexão e da práxis desta teologia, numa substituição de Cristo pelo pobre. Destarte, Clodovis produziu um aporte em forma de artigo veiculado pela *Revista Eclesiástica Brasileira*

* Mestrando em Teologia no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pertence ao Grupo de Pesquisa Religião e Política no Brasil Contemporâneo pela PUC-SP. E-mail: heitorcmf@gmail.com

¹ BOFF, Leonardo. *Quarenta anos de Teologia da Libertação: uma metáfora do Mistério Pascal*. In: OLIVEIRA, P. A. R. de; MORI, G.; Religião e educação para a cidadania. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2011.

- REB (2007) intitulado “*Teologia da Libertação e volta ao fundamento*”². Este escrito, cujo analisaremos em seguida, provocou uma reação contrária por parte dos Teólogos da Libertação (=os TdL) que também foram publicadas na mesma revista no ano de 2008. São os autores: Leonardo Boff³; e Luiz Carlos Susin/Érico João Hammes⁴. Estes autores fizeram um exame minucioso acerca do conteúdo e foram respondidos em réplica pelo criticado no mesmo ano.

Entre a produção de Clodovis, suas contestações e o seu escrito de réplica há um diálogo profundo e é possível descortinar como os TdL concebem sua teologia, fechando-se quase sempre ao seu *primum epistemológico*. Esse debate é revelado com clareza e assertividade.

O presente artigo quer, de modo sucinto, expor o horizonte desta discussão em duas partes. Na primeira busca-se apontar uma sintetização do dilema epistemológico posto em debate por C. Boff e a objeção dos TdL frente a isso. Anela-se mostrar as nuances, dentro da discussão epistemológica, que aparentam ser mais meritórias. No segundo momento apresentar-se-á a réplica do Frei Servita com a intenção de demonstrar que este autor foi certo em sua crítica e transfere a TdL da decadência à esperança dentro da própria teologia e da prática pastoral.

1 O dilema epistemológico posto em debate

1.1 Teologia da Libertação

Para compreender um pensamento é útil conhecer sua gênese. A obra primária da TdL foi gestada no ano de 1975 pelo teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, batizada por *Teología de la Liberación*⁵. Formulando sua reflexão, já no primeiro momento, esta se exhibe como uma revolução no modo de como fazer teologia. Se trata “de uma nova maneira de fazer teologia”⁶ que exige uma “ruptura epistemológica”⁷ a respeito das anteriores formas de entender e praticar o labor teológico: um saber distinto dos anteriores.

No íntimo desta ruptura é apresentado um novo lugar notável para o *que fazer* teológico:

² BOFF, Clodovis M. *Teologia da Libertação e volta ao fundamento*. Revista Eclesiástica Brasileira, [S.l.], v. 67, n. 268, p. 1001-1022, abr. 2007. ISSN 2595-5977.

³ BOFF, Leonardo. *Pelos pobres contra a estreiteza do método*. Revista Eclesiástica Brasileira, [S.l.], v. 68, n. 271, p. 701-710, abr. 2008. ISSN 2595-5977.

⁴ SUSIN, Luiz Carlos; HAMMES, Érico João. *A Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos*. Em debate com Clodovis Boff. Revista Eclesiástica Brasileira, [S.l.], v. 68, n. 270, p. 277-299, abr. 2008. ISSN 2595-5977.

⁵ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la Liberación: Perspectivas*. 7. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975.

⁶ *Ibid.*, p. 40

⁷ *Ibid.*, p. 57

o lugar dos pobres. É comprometida com uma práxis que parte do pobre e leva à sua libertação. “Sem o pobre e oprimido não há Teologia da Libertação”⁸. Assim, é possível ver que o pobre é, por assim dizer, o fundamento da teologia da libertação. Este é o ponto capital para entender a crítica expressa por Clodovis Boff desse modo de fazer teologia.

Por *práxis* libertadora do pobre, entende-se a transformação social com vista a promover um câmbio na sociedade que logrará a superação da injustiça e das subordinações que assolam o homem concreto. Não se trata apenas de compaixão, é também, más aí está incluído “um encontro com Cristo crucificado”⁹ que mobiliza o teólogo desde dentro e provoca uma indignação capaz de lutar pelo contrário.

Nesta lógica, a TdL acaba por revelar e pôr em realce Jesus como um libertador que se preocupa em liberar do pecado social que origina “as doenças a fome e a morte”¹⁰. Esse mesmo Jesus faz com que os pobres ganhem sua centralidade, pois Ele mesmo se fez pobre conotando uma preferência à esta realidade humana. Quando trata sobre os frutos desta teologia criada na periferia do mundo, L. Boff sustenta que ela “gestou cristãos que se fizeram cidadãos ativos e, a partir de sua fé, se empenharam em movimentos sociais, em sindicatos e em partidos”¹¹. Segundo o autor, esta inserção para o bem comum está em integral consonância com o programa que Jesus chama de Reino de Deus que pode, de igual maneira, ser lido com nome de reino de justiça.

1.2 Volta ao fundamento: uma crítica desde dentro

Clodovis divide o texto em duas partes: na primeira faz um questionamento à TdL sem querer desqualificá-la, mas propondo uma refundação¹². Na segunda parte, partindo do Documento de Aparecida, sugere como a TdL pode ampliar seus horizontes. Dito isto, inicia sua exposição afirmando que há duas teologias da libertação: uma ideal e outra real. Aquela, segundo ele, é a que foi proposta por Gustavo Gutiérrez, esta outra, realmente existente, que tem um histórico de caminhada é a que é base para a discussão e a que é convidada a fazer uma volta ao seu fundamento. A crítica segue refletindo sobre a ambiguidade do termo fundamento e a inversão de primado, as consequências daí nascedouras e as possíveis causas desta inversão.

Tendo exposto de modo sucinto algumas linhas gerais sobre a TdL é relevante trazer

⁸ BOFF L., 2011, p. 130

⁹ *Ibid.*, p. 133

¹⁰ *Ibid.*, p. 135

¹¹ *Ibid.*, p. 138

¹² BOFF, C., Teologia da libertação e volta ao fundamento, p. 1001

para nossa reflexão as críticas feitas por Clodovis Boff¹³ em seu apelo por um retorno ao fundamento dado que alguns teólogos passaram a perpetrar uma teologia que encerra uma ambiguidade epistemológica. Conforme o autor, a predileção pelos pobres é evangélica e cristológica, evidentemente fundada epistemologicamente na Sagrada Escritura e na Tradição. Não obstante, essa preferência “está posta de modo teoricamente confuso, permitindo ambiguidades, equívocos e reduções”¹⁴. Observa ainda que há uma aplicação sem preocupação linguística e epistemológica com termos que definem significados e mesmo limites metodológicos. Citando Jon Sobrino, C. Boff diz: “(ele) fala dos pobres como a instância que dá a ‘direção fundamental’ à fé e como sendo o seu ‘lugar mais decisivo’”¹⁵ e acrescenta que tanto fundamental, quanto decisivo estão aí jogados com descuido. Na verdade, segundo o autor em questão, o primado deveria ser dado, em absoluto, “à fé apostólica transmitida pela Igreja”

Nesta lógica, C. Boff começa a deduzir que o pobre passou a ser o princípio do método. Esse lugar, entretanto, para conferir à TdL propriedade de Teologia, é de Cristo -o *Kyrios*- de onde emana toda a práxis teológica. Com essas dúvidas, embora o discurso medeie-se por vários recursos de linguagem, o que teria que ser peremptório carece de congruência epistemológica, o que leva à uma descrença de sua aplicação pastoral. Tal fala é a “inversão de primado epistemológico”: “não é mais Deus, mas o pobre, o primeiro princípio operativo da teologia. (...) é um erro de prioridade; (...) de princípio e, por isso, de perspectiva”¹⁶. Defende que o pobre possa ser um princípio da teologia ou mesmo um enfoque, mas sempre na linha de sua argumentação metodológica, isto é, como princípio segundo e, por isso mesmo, relativo. Sua inquietação está no que ele chama de instrumentalização possível, tendo em vista que, com a inversão acima denunciada, a fé poderia ser –além de reduzida e politizada –instrumentalizada de forma ideológica, decaindo sua alteridade transcendente para o nível na imanência política¹⁷.

O *princípio operante* em toda a teologia é sempre a fé no Deus revelado em Jesus Cristo. Dele partem todas as coisas. Mas, no caso da TdL, esse princípio operante aparece como um dado pressuposto que “dá cor dominante ao discurso libertador”¹⁸. A partir disso é desvelado o problema: a TdL está situada numa inversão do primado epistemológico. Esta transposição faz com que se *instrumentalize* a fé em função do pobre. Por isso, é chamada a atenção sobre a

¹³ *Ibid.*, p.1001

¹⁴ *Ibid.*, p. 1002

¹⁵ *Ibid.*, p.1002

¹⁶ *Ibid.*, p.1004

¹⁷ *Ibid.*, p.1005

¹⁸ *Ibid.*, p. 1004

questão do princípio, porque “se o fundamento é mal posto, todo o edifício é comprometido”¹⁹

Esse erro infausto de princípios encerra equívocos graves que afetam o plano teológico, eclesial e da fé. No âmbito da teologia, perde-se seu caráter vital -uma ciência que provém da fé- e parte para um discurso de sabor mais sociológico e político com afinidades pastorais. Na esfera eclesial, as comunidades vivas de fé passam a ser identificadas mais como um movimento popular ou uma ong. E, no *plano* da fé, esta se contrai em uma força capaz de mobilizar, mais um discurso do que um imperativo para a orientação da vida através de elementos transcendentais.

Antes de qualquer avanço, Clodovis justifica o porquê destas inversões que causaram, em seu ponto de vista, tamanhos equívocos e graves consequências: parte, sem mais, daquilo que ele nomeia como descaso epistemológico, devido ao assombro da Igreja ao se encontrar de modo chocante com a pobreza. Esta inversão de base sucedeu-se, entre outros motivos, como ele analisa, visto que a “irrupção do pobre na Igreja abalou de tal modo a teologia que esta balançou realmente em seus próprios fundamentos. Ocorreu então um caso de *hísteron próteron* epistemológico: o depois veio antes.”²⁰. Aquilo que era deveras excelência (Deus e seu primado) foi anulado pela “urgência” do pobre. Também é denunciado um certo “rendimento aos encantos da modernidade [...]. Uma virada antropocêntrica: de Deus ao homem, ou, ao pobre”²¹. Aqueles desejos da modernidade de esclarecer o homem, torná-lo centro entrou em cheio na teologia da libertação e a sequela foi a politização da fé.

Na conclusão da primeira parte de seu artigo é inteiramente lúcido o discernimento do teólogo sobre a TdL, ele não se atribui a postura de um crítico que quer destruí-la. É escrupuloso: vislumbra na teologia de conjuntura latino-americana uma preciosidade, porém é preciso lapidá-la, salvaguardando seus prolegômenos a fim de que tenha serventia pastoral:

Queremos lembrar que o questionamento crítico feito até agora acerca dos fundamentos da TdL não entende refutar essa corrente, mas repô-la em seus fundamentos originários. Pois só assim poderá ser “salva”, “salvando” consigo os preciosos frutos que produziu, especialmente a opção preferencial pelos pobres e a fé como força de libertação.²²

Na segunda parte do artigo, expõe-se o que seria o arquétipo para refundar a TdL: o documento final da CELAM em Aparecida²³. Segundo o autor, as considerações reveladas no

¹⁹ *Ibid.*, p. 1006

²⁰ *Ibid.*, p. 1008

²¹ *Ibid.*, p. 1008

²² *Ibid.*, p. 1011

²³ *DOCUMENTO DE APARECIDA*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, jun. 2007.

documento expõem com fulgor o *primado* de Cristo que, num segundo momento, permite a opção prioritária pelos pobres: “A TdL parte do pobre e encontra Cristo; Aparecida parte de Cristo e encontra o pobre”²⁴. Deste “senhorio epistemológico” é que se pode se recuperar todos os desafios da Igreja, até mesmo os pobres. Para isso é preciso restaurar a imprescindibilidade da fé como encontro com Cristo e que acarreta uma transformação pessoal, comunitária, social, etc. Não é nosso objetivo pormenorizar a reflexão acerca do Documento de Aparecida pois, mais adiante, em sua réplica, apresenta-se com mais envergadura teológica o que até o momento fora sustentado.

Vale acentuar que as impressões de C. Boff acerca do fundamento da TdL é uma crítica de autoridade pericial de quem conhece altamente seu método. Ele concedeu grande parte de sua vitalidade em prol de questões que permeiam a epistemologia teológica. Não só, igualmente é responsável pela composição e implantação desta mesma corrente teológica como assume Leonardo Boff: “fiel às intuições da TdL, [...] trabalhou, generosamente, nas CEBs do Acre, passando meio ano por lá, dando cursos populares [...] e no ensino e na produção teórica, na PUC do Rio de Janeiro”²⁵.

2 As Críticas

Indubitavelmente a compreensão do teólogo Servita acarretou antagonismo de diferentes teólogos que convivem similarmente com a elaboração teórica, defesa e análise da TdL. Salientaremos de maneira panorâmica as divergências empreendidas pelos autores: Leonardo Boff e Luiz Carlos Susin/Érico João Hammes. Todos eles engendraram suas opiniões em discordância ao que Clodovis buscou elucidar. Sem pormenorizar, ao analisar estes juízos dá a sensação de que o autor que protestou pela volta ao fundamento [Clodovis] formou uma reflexão cheia de dogmatismos, judiciosa e que mostra um “otimismo ingênuo e juvenil”.²⁶

Ordinariamente, Leonardo Boff em seus escritos adere um tom visceral e, neste cenário não foi distinto. É notório que todo parecer sobre a TdL o atinge profundamente. Por isso, sua contestação à Clodovis é pungente pois ele também a sentiu neste mesmo nível: “*Meu irmão, eu vou apunhalar seu coração, mas fique tranquilo, isso é para a sua salvação*”, como se a punhalada não ferisse mortalmente o coração”²⁷. A nível de discussão epistêmica, o autor

²⁴ BOFF C., 2007 p. 1012

²⁵ BOFF L., 2008, p. 701

²⁶ *Ibid.*, p. 702

²⁷ *Ibid.*, p. 703

reclama três elementos: “a ausência de uma adequada teologia da encarnação; a ausência do sentido singular de pobre dado pela Teologia da Libertação; e a ausência de uma teologia do Espírito Santo”²⁸

No tocante à encarnação, a tese é levantada - *grosso modo* – ao redor da seguinte presunção: Jesus encarnou-se na condição de pobre e, desta maneira, no rosto de todos os pobres é possível encontrar o rosto de Jesus²⁹. Posto isso, “não é verdade que a TdL substitui Deus pelos pobres”³⁰ já que Cristo é o pobre e se identifica com ele. Esse recurso é operado para legitimar que o criticado parece ter uma compreensão superficial acerca da encarnação de Jesus, pois “por sua encarnação, o filho de Deus uniu-se de algum modo a todo homem”³¹.

Prolongando a tese precedente, Leonardo Boff busca elucidar que o autor de *volta ao fundamento* não tem uma assimilação da essência real do pobre na TdL. Para ele, o pobre foi apontado desde uma visão econômica fazendo com que olvidasse do pobre como aquele que transparece o Encarnado e o Crucificado. Há, neste sentido, um apelo para olhar o pobre como aquele que é Cristo mesmo e que, por isso, “importa comprometer-se efetivamente com eles para realizar a obra da libertação concreta”³².

Ademais, a última verificação é de uma faltante teologia do Espírito Santo. L. Boff³³ sente o pobre tal qual um sacramento. Mencionando o autor que critica salienta que se é possível encontrar o pobre na escuta orante da Palavra, na oração e na Eucaristia, qual seria a justificação, então, para não deparar com Cristo no Sacramento do pobre? Essa probabilidade se dá através do Espírito Santo, pois ele “alimenta a espiritualidade e nutre a experiência mística de perceber no curso da história humana e nas pessoas a ação divina”³⁴. Finalmente L. Boff conclui seu artigo apelando por uma teologia que goze de propriedade evangélica. Lhe aparenta que Clodovis carece de clarificar sua tese com premissas decorrentes do Evangelho e que, desaproveitando este aspecto corre-se o risco de despossar até mesmo o status de Teologia.

Os autores de *Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos*, Luiz Carlos Susin e Erico João Hammes não poupam louvores a Clodovis por sua *intrepidez* em colocar em pauta os sustentáculos da TdL. Contudo, assumem um posicionamento dissente que, com mais

²⁸ *Ibid.*, p. 704

²⁹ cf. Mt 25, 40

³⁰ BOFF L., 2008, p. 706

³¹ IGREJA CATÓLICA – Concílio Vaticano (2. : 1962-1965). *Gaudium et spes*. 4. Ed. São Paulo: Paulinas, 1974, n. 22.

³² BOFF L., 2008, p. 707

³³ *Ibid.*, p. 708

³⁴ Loc. Cit.

definição e argumentação, precisam aquilo que Leonardo Boff apontou. Vamos expor este conteúdo em perspectiva ampla.

Estes assumem a fé como um princípio referente, *mas* levando em conta sempre a diversidade de mediações a ela conferidas. Ou seja, creem que a fé está em numa relação dialética com a prática e, por isso, “todos os outros princípios ganham da fé a sua autoridade”³⁵. Atestam isso pois lhes parece que Clodovis evidencia a fé como um ponto de partida e não, igual eles advogam, como um dado que permite a libertação antes mesmo da salvação. Essa colocação é sustentada com a parábola do bom samaritano³⁶ e vai de encontro com o que o autor em debate apresenta, pois para ele a fé incorre na salvação e, depois, na libertação, seja do pobre ou de qualquer outra realidade.

Aprofundando neste critério vão enunciar que a fé é constituinte de um círculo hermenêutico e que o autor que examinam prefere ela como único fundamento: o contrário disso seria confusão. Para eles esta compreensão hermenêutica reduz um dualismo de polos simétricos uma vez que “pode-se partir de qualquer ponto e chegar bem a outro ponto compreendendo cada ponto em seu real e devido lugar”³⁷. Isso em razão de afirmar que não se necessita questionar acerca da essência de Deus, mas em qual lugar Ele se revela: “assim, pode-se partir de Cristo para chegar ao pobre, mas pode-se partir do pobre para chegar a Cristo”³⁸. Há uma diferença epistemológica clara, porque Clodovis opta por um sistema sequencialmente lógico, partindo sempre de da fé no Kyrios e não há outra possibilidade. Neste favoritismo pelo lugar onde pode-se encontrar Deus Susin e Hammes julgam que o *lugar* é determinante pois é substancial enquanto a Escritura e Tradição são categoriais e textuais³⁹.

Todas essas premissas para revelar na quarta parte do artigo que “é o lugar do pobre, de carne e osso, lugar de uma alteridade ao mesmo tempo incontornável e irreduzível, que se mantém a reserva de transcendência e mistério⁴⁰. Nos pobres pode-se encontrar a “universalidade do Reino de Deus e das bem-aventuranças”⁴¹. O pobre não está no lugar de Cristo, mas que Deus mesmo encontra-se neste lugar. Esta é a conclusão, em linhas gerais, que foi empreendida por eles.

³⁵ L.C. SUSIN/E.J. HAMMES, 2008, p. 280

³⁶ Cf. Lc 10, 25-27

³⁷ L.C. SUSIN/E.J. HAMMES, 2008, p. 286

³⁸ *Ibid.*, p. 286.

³⁹ cf. *Ibid.*, p. 286.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 293

⁴¹ *Ibid.*, p. 286

3 A ênfase dada ao método

Abordando toda a ressonância levada a cabo por seus analíticos, no escrito de réplica, Clodovis aclara com mais profundidade, inclusive, sua opção pelo fundamento da Teologia: a fé no Cristo Senhor. É inequívoco, para ele, que “a TdL, por representar uma exigência da fé cristã frente ao drama que vivem os pobres do mundo, merece toda consideração”⁴² Dado isso, não desfaz com a causa de fundo da TdL, no entanto fia-se na inevitabilidade de reestruturar o seu fundamento.

O alicerce para o autor é a “*questio magna* do método”⁴³. Sem ele a teologia não é realizável e, por isso, a persistência. Clodovis aponta no seu artigo que as convicções de seus críticos se mantêm na mesma dialética argumentativa⁴⁴. Falta-lhes, segundo ele, uma alusão ostensiva no que tange à confissão de fé no Cristo. Suas alegações, têm sempre essa ordenação: “princípio, sim, mas mediado”⁴⁵. Enquanto a TdL transitar nesta imprecisão a respeito ao seu método, se mostrará e discutível quanto à aplicação. A fé no Cristo é o princípio operativo na teologia e na vida do teólogo, logo qualquer que queira elaborar uma teologia séria faz-se vital esta declaração. É uma questão de sujeição que enseja “discutir tudo o mais, inclusive a libertação dos pobres”⁴⁶. Essa premissa revela que a Clodovis parece óbvia que não necessitaria ser pleiteada e sim, crida. Se se barganha o primado de Cristo pelo primado do pobre, como é o caso em discussão, deixa-se de praticar Cristianismo e incide, desgraçadamente em uma religião do pobre: “a TdL não atentou para a hierarquia dos “lugares” e para a sua articulação interna, caindo na confusão metodológica em que está metida”⁴⁷

Após longa apologia ao princípio do Cristo-fé, Clodovis desenvolve no seu artigo, corroborando o primeiro, a tese que a TdL prossegue ambígua. Os lapsos são variados: contradição metodológica; lógica estranha da centralidade do pobre; teologia que falta a firmeza de seu pressuposto, que é a fé. O palpite do teólogo é que há uma fetichização do pobre no interior da teologia latino-americana à medida que não soltam, de maneira alguma, suas premissas. Acerca disso, o autor discorre ironicamente que “dá vontade de escrever no fim de suas contribuições: “como queríamos demonstrar”⁴⁸. Enfim, recapitulemos cada questão.

⁴² BOFF C., 2008, p. 893

⁴³ *Ibid.*, p. 893

⁴⁴ *Ibid.*, p. 896

⁴⁵ *Ibid.*, p. 896

⁴⁶ *Ibid.*, p. 899

⁴⁷ *Ibid.*, p. 903

⁴⁸ *Ibid.*, p. 906

Com relação à contradição metodológica o autor enuncia que os TdL não entendem que se o pobre tem algum valor em virtude de Cristo, logo o princípio é o Cristo e não o pobre. Fica evidenciado, assim, que eles afrontam até a lógica para dispor o pobre em primeiro lugar. Neste sentido, para Clodovis esse erro lógico -levado a cabo pela falta de rigor- acaba com qualquer ciência: “ficando impossível distinguir entre princípio e aplicação, entre originário e derivado, entre essência e existência”⁴⁹

Nesta linha, posteriormente elucida-se que a lógica da centralidade do pobre tem a seguinte ordem análoga: “só porque o rei, por pura bondade, pôs o escravo em sua montaria, passam a aclamar o escravo e não, antes, o rei, reduzido a palafrenero do pobre”⁵⁰. Esta denúncia é para realçar que a teologia latino-americana se tornou independente do método teológico. Abstraído-o segue por itinerários próprios e alheios à viabilidade pastoral. O pobre, como sujeito -em sentido econômico e espiritual-, em verdade merece interesse da teologia. Isto é um fato. Mas, é imprudente colocá-lo antes de tudo. Parece enfadonho repeti-lo, contudo é preciso: se a teologia não se alimenta da força do Cristo, que é crível, imperativa e iluminadora, não será habilitada a grandes feitos, sequer na vida do carente.

Essa insistência em colocar Cristo sempre em ambivalência é ineficaz para uma clareza metodológica. Frei Clodovis é feliz em lembrar⁵¹ que esta lógica linear é supostamente evangélica quando se põe em relevo que o *primeiro* mandamento (=primeiro fundamento) é amar a Deus e o *segundo* é próximo (=pobre)⁵². Aqui, cai por terra o argumento dos TdL que amar e libertar o pobre é um ato primeiro que leva até Deus ou então que esse amor já é direcionado a Deus mesmo uma vez que o pobre é o Cristo que se manifesta nesta alteridade. Essa premissa, segundo o que concebe o autor da réplica, é assumidamente problemática e, por vezes, transita num recurso meramente linguístico para atestar o que se pretende, mas que na prática não resolve muita coisa.

Qual o porquê desse preterimento de Deus na TdL? A crítica apresenta dois motivos. A primeira causa versa sobre o advento da modernidade. A ilustração entrou em cheio no modo de fazer teologia. Esse relativismo no momento de definir quem é Deus na teologia fica evidente porque o instante histórico é sempre avesso princípios absolutos e fins últimos. Outro motivo é, como já dissemos discretamente, a paixão exacerbada pelos pobres. É uma atração zelosa porque o motor dos TdL não é a fé em Deus (num primeiro momento), mas sim “indignação

⁴⁹ *Ibid.*, p. 910

⁵⁰ *Ibid.*, p. 911

⁵¹ *Ibid.*, p. 913

⁵² Mt 22, 37-39

ética frente ao drama da pobreza”⁵³. Esta atenção faz com que o método deixe de ser importante, já que a pobreza e libertação sempre falam em tom mais alto.

Em conclusão de tom poético – diríamos – Clodovis continua sendo propositivo, nunca destrutivo. Para ele é momento da TdL revestir-se de humildade, deixar de lado suas pretensões universalistas de ser uma teologia completa e, principalmente, renovar-se partindo do Cristo que permite amar e servir os pobres⁵⁴. A dimensão libertadora do ministério de Cristo é constitutiva da fé da Igreja, mas não o principal. Se se prescinde do principal, compromete-se, inclusive, a libertação destes. É preciso enriquecer a ideia sobre o pobre. Olhá-lo apenas sobre o prisma de suas faltantes econômicas é reduzir a missão da Igreja em paternalismo/assistencialismo. Os paupérrimos também têm ânsia de uma experiência fundante com Cristo que compete à Igreja anunciar e propiciar. Se ela se isenta desta missão, outros farão no seu lugar como bem exemplifica o autor contando a experiência da pastoral da terra no centro-oeste do Brasil. Neste local a Igreja enveredou-se pela práxis libertadora, sobretudo na luta pela demarcação de terras, e olvidou-se do religioso. Na mesma área, tempos depois, nota-se uma presença significativa de Evangélicos Neopentecostais: “Por que? Simplesmente porque a Igreja católica garantira o social, mas não o religioso”⁵⁵.

Por estes e outros motivos que o autor retrata, suspeita-se que a TdL corre o risco de ficar superada e isto seria grande perda para a Igreja haja vista as contribuições que ela garantiu. A questão primordial é entender que nenhum método está completo e sem necessidade de exame. A história da Igreja mostra que muitas vezes se equivocou e novas reflexões a possibilitaram progredir. É mesmo caso com a TdL.

Considerações finais

O objetivo principal destas reflexões é evidenciar o lugar do pobre dentro da epistemologia da Teologia da Libertação. Incompreendida, alvo de preconceitos, esta teologia sempre foi polemica no contexto eclesial. Muitos são os motivos e entre eles está a questão dos seus fundamentos, seus métodos e seus objetivos.

Toda teologia que queira caracterizar-se como tal, responde à um princípio que até o momento é indiscutível: a profissão de fé em Cristo. É dele que a teologia ganha pleno significado, sentido e razão de existir. No âmbito da teologia da libertação parece, ainda, que

⁵³ BOFF C., 2008, p. 915

⁵⁴ *Ibid.* p. 918

⁵⁵ *Ibid.*, p. 921

este princípio continua não dado com tanta clareza com a qual se espera, haja vista que se trata de um modo de pensar teológico gestado na própria Igreja. A urgência do pobre e a sua libertação apresenta uma magnitude que merece respeito, consideração e atitude. Não obstante, o fechamento da causa apenas no plano social é pouco. Simplesmente porque a ação da Igreja, fundamentalmente, não está só neste plano. Ela converge sempre para uma confissão espiritual e transcendental. E esse pressuposto carece estar sempre evidente.

Obviamente, também denunciemos a prática pastoral que se oriente exclusivamente pelo espiritual. A fé em Cristo sempre vem primeiro, mas não se encerra unicamente nisso. O *Kyrios* provoca julgar o factual sob um novo ângulo: “*Meus irmãos, que interessa se alguém disser que tem fé em Deus e não fizer prova disso através de obras? Esse tipo de fé não salva ninguém*”⁵⁶. O fragmento bíblico supracitado patenteia precisamente isso. A fé adequadamente maturada abre o coração ao tangível. E, neste concreto para o qual os nossos olhos se acendem encontramos Cristo nas profusas alteridades, até mesmo no pobre. Deste modo, esclarecemos com base neste debate que há de aperfeiçoar uma práxis pastoral que não seja espiritualista. Esta atitude esvazia a riqueza da fé porque ela é reducionista. O caminho mais seguro será sempre uma união entre fé e ação.

Entretanto, nenhuma forma de teologizar está fadada a manifestar-se completa. Tal qual a vida humana, em suas diferentes fases, a teologia também se desenvolve e encontra o seu caminho. Sobre as contribuições de Clodovis percebe-se esse cuidado. Não há razão para a TdL estagnar-se, mas buscar sempre mais dar uma resposta às dificuldades que aparecem no caminho.

Os TdL, sempre muito veementes, são apaixonados por seu método. A ele dedicam a vida. Não obstante, o que parece é que essa paixão pode cegar e, estando cegos, não há possibilidade de ver que há sempre o que melhorar para uma para a tão desejada aplicação pastoral de sua doutrina. Clodovis os acusa de estar imbuídos do espírito da modernidade. Em certa medida isso não é mal. Se o princípio do diálogo, o qual a modernidade possibilita pela sua pluralidade de teorias, conhecimentos, epistemologias, for levado em consideração pode-se ganhar. O que a modernidade e o pensamento esclarecido mais nos mostra é que a atividade reflexiva pode sempre revelar uma outra perspectiva até então não conhecida. Assim, se esta característica de esclarecidos conferida aos teólogos passar a ser empreendida sob esse aspecto, a reflexão pode avançar. Talvez tenha faltado a Clodovis essa proposta ao apenas acusá-los de relativistas.

⁵⁶ Tg 2, 14

As reflexões propostas por Clodovis Boff, conferem à TdL esperança. Uma esperança sensata que versa na constante autocrítica. E esta atitude dentro da epistemologia é altamente salutar. Se não houver examinadores a teologia não evoluirá, nem mesmo as que se apresentam teologias inovadoras.

Referências

BOFF, C. *Teologia da libertação e volta ao fundamento*. REB 67 (2007), p. 1001-1022.

BOFF, C. *Volta ao fundamento: réplica*. REB 68 (2008), p. 892-927.

BOFF, L. *Quarenta anos de Teologia da Libertação: uma metáfora do Mistério Pascal*. In: OLIVEIRA, P. A. R. de; MORI, G.; *Religião e educação para a cidadania*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2011.

BOFF, Leonardo. Pelos pobres contra a estreiteza do método. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S.l.], v. 68, n. 271, p. 701-710, abr. 2008. ISSN 2595-5977.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la Liberación: Perspectivas*. 7. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975. 400 p.

SUSIN, L. C., HAMMES, J.E. *A teologia da libertação e a questão de seus fundamentos: em debate com Clodovis Boff*. REB 68 (2008), p. 277-299

Recebido em: 06/02/2024

Aprovado em: 30/03/2024